

Jesus Marmanillo Pereira

COTIDIANO DOS GRUPOS NA PRAÇA DE FÁTIMA: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA

RESUMO

Este artigo analisa os principais grupos e atores que dinamizam e configuram um conjunto de territorialidades na Praça de Fátima, um dos logradouros públicos mais centrais da cidade de Imperatriz – MA. Buscando desenvolver uma Etnografia de Rua (ECKERT e ROCHA, 2001), realizou-se um mapeamento dos grupos ocupantes da referida praça, atentando para as relações estabelecidas, para as estratégias de apropriação do espaço público e suas principais características sociais. Foram priorizados, portanto, aspectos espaciais e sociais para compreender os modos, os sentidos e as condições em que os atores se reúnem naquele espaço público, chegando, assim, aos conceitos de Centralidade, destacado por Mckenzie (1948); e vida cotidiana (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005). Deste modo, realizou-se uma inserção nesse campo entre os meses de setembro de 2014 e 2015, na qual foram desenvolvidos diálogos com comerciantes locais e demais grupos ocupantes da praça, bem como registros fotográficos e observações diretas.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia de rua; Cotidiano; Territorialidades; Praça de Fátima; Centralidade.

ABSTRACT

This article analyzes the main groups and factors that streamline and configure a set of territoriality in the Plaza de Fátima, one of the central public spaces of the city of Imperatriz – MA. Seeking to develop an Street´s Ethnography (ECKERT e ROCHA, 2001), there was a mapping of said square occupants groups, paying attention to the relationships established, to the strategies of appropriation of public space and its main social characteristics. Priority was given, therefore, spatial and social aspects to understand the ways, the senses and the conditions under which the actors gather at the public space, reaching thus the concepts of Centralization, highlighted by Mckenzie (1948); and Everyday Life (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005). Thus, an insert was held in the field between the months of September 2014 and 2015, which were developed dialogues with local merchants and other occupants groups of the square, as well as photographic records and direct observations.

KEYWORDS: Street´s Ethnography; Everyday; territoriality; Square of Fátima; Centralization.

1. INTRODUÇÃO

Antes de conceber uma etnografia voltada para as práticas e experiências dos principais grupos que constituem dinamizam a paisagem da Praça de Fátima, área pública localizada no centro da cidade de Imperatriz, é importante ressaltar que o interesse pelo referido espaço ocorreu, primeiramente, por minha necessidade de compreensão das relações entre dinâmicas sociais e territoriais desenvolvidas nesse local, aonde cheguei em junho de 2014.

Com a aprovação do projeto "Praças do tempo: cotidiano, imagens e memória do centro urbano de Imperatriz" na Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e motivado pela ideia de produzir uma etnografia de rua (ECKERT e ROCHA, 2001), realizei um mapeamento dos ocupantes da referida praça, atentando para aspectos como: as relações estabelecidas entre eles, as estratégias de apropriação do espaço público e principais características sociais deles. Nesse sentido, tal etnografia foi orientada, também, pela sistematização utilizada por Low (2003) que desenvolve uma narrativa composta de fotografias, divisões

espaciais da praça e notas sobre impressões, bem como, interações e características dos atores sociais que dinamizam o espaço público.

Grosso modo, tentei compreender como se organizam naquele espaço para satisfazer as próprias necessidades e, conseqüentemente, como geram dinamicidade social à praça e à própria existência. Para tanto, vali-me dos conceitos de Centralidade (MCKENZIE, 1948), pensado em situações nas quais as comunidades urbanas são formadas, e quando diversos atores se reúnem e fixam uma espécie de base territorial que serve na determinação dos grupos; e também, da noção de cotidiano, entendida aqui como algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia (GOFFMAN, 2013; SCHUTZ, 2012; WHYTE, 2005).

Munido de tais referenciais, desenvolvi uma inserção em campo que perdurou seis meses. Período em que foi realizada a coleta de informações por meio da observação direta, entrevistas e produção de imagens, sistematizadas em uma etnografia que pode ser compreendida como constituída por duas partes relacionadas: 1) contextualização espacial do local pesquisado, e 2) descrição dos grupos de taxistas, moradores de rua e comerciantes das lanchonetes¹.

2. A CENTRALIDADE DE UMA PRAÇA

A Praça de Fátima é um dos mais notabilizados espaços públicos da cidade de Imperatriz (MA) e compreende uma área de 3.101,29 m². Localizada à frente da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, delimitada pelas avenidas Dorgival Pinheiro de Sousa e Getúlio Vargas e pela rua Simplício Moreira, o espaço público situa-se, assim, no centro da cidade. Para Pereira (2015a), o local traz consigo uma centralidade histórica e social, já que, além de vizinho ao centro comercial da cidade, possuía também, nas décadas de 1950 e 1960, uma aproximação com o antigo ponto de venda de passagens – de onde saíam e chegavam ônibus interestaduais – e do aeroporto municipal daquela época.

Assim, por suas características de localização, a praça demonstra uma capacidade de atração de pessoas que pode ser pensada em termos de formação de grupos religiosos e comerciais que, cada um a sua maneira, atribuíram significados, usos e sentidos diversos para aquele espaço.

Atualmente é possível verificar a continuidade do aspecto econômico nas próprias edificações no limite da praça, junto à Avenida

¹ Além desses atores, caracterizados pela permanência na praça, é importante dizer que as dinâmicas sociais daquele local são mais amplas e marcadas também pelas ações dos transeuntes, pequenos agrupamentos que se reúnem por conta de determinados eventos e acontecimentos extraordinários, ou fazem dali um ponto de encontro para a realização de outras atividades, como ir ao trabalho ou esperar algum tipo de transporte.

Dorgival Pinheiro de Sousa, que é composta por quatro prédios comerciais, três residências adaptadas como pontos comerciais e uma residência propriamente dita. No lado da Rua Simplício Moreira é possível observar uma quadra que comporta três pequenos pontos comerciais estruturados em um terreno, um prédio residencial e duas grandes lojas. No limite com a Avenida Getúlio Vargas notei a presença de dois pontos comerciais – sendo um deles uma hospedagem na parte superior–, três prédios em uma área de aproximadamente dois terrenos e três prédios com dupla função: funcionam comercialmente na parte térrea e residencialmente na parte superior.

Todas essas características observadas podem ser expressas também nas ações dos grupos que dinamizam e constroem essas paisagens. Por exemplo, os taxistas e mototaxistas que, em grande medida, se favorecem pela concentração de pessoas que buscam consumir os produtos e serviços oferecidos na região tão marcada pelas edificações comerciais. Por outro lado, é comum observar pessoas uniformizadas consumindo alimentos nos dois restaurantes localizados no lado que encontra a Av. Getúlio Vargas, nas lanchonetes edificadas no lado norte da praça ou nas lanchonetes montadas ao sul da mesma, indicando uma característica ecológica no que concerne às relações entre os atores e aquele meio urbano. Por outro lado, também observei pedintes, taxistas, comerciantes e outros grupos desenvolvendo dinâmicas próprias que lhes garantem a permanência e reprodução de cotidianos, marcados por experiências distintas. Enfim, nesse local, há uma relação direta entre localização e concentração de pessoas, já notada por Pereira (2015b) que explica:

É importante ressaltar que a localização dos taxistas, banca de revistas e maior concentração de assentos são mais próximas ao calçadão comercial da Avenida Getúlio Vargas, cujo início ocorre no lado oposto a uma das esquinas da Praça de Fátima. Em relação à dinâmica interna da Praça, observamos que as árvores servem como verdadeiros abrigos que produzem sombra e conforto diante as elevadas temperaturas de Imperatriz, que chegam a alcançar 36°. Assim, os atores fixos que trabalham na Praça concentram-se cotidianamente nessas áreas, enquanto os pedestres podem ser observados quando trafegam pela parte central da Praça que é mais limpa, ou quando se deslocam entre os trabalhadores que vivem o cotidiano local ou pessoas que sentam por algum tempo para descansar ou dialogar com amigos sobre as sombras das árvores (PEREIRA, 2015b, p. 232–233).

Sobre essa relação entre localizações, tipos de construção e

determinados atores sociais existentes na Praça de Fátima, é importante ressaltar que as duas primeiras variáveis são compreendidas sempre como formas de perceber determinados grupos e lógicas de ocupação, ou seja, seguiu-se a compreensão de Park (1948, p. 141) “quando destaca que o interesse do sociólogo na ecologia humana reside na relação do homem para com outros homens”. Seguindo essa perspectiva, um passo fundamental foi buscar o elemento humano da paisagem e compreender suas inter-relações, como demonstra a anotação do caderno de campo que nos traz as primeiras observações *in locus*:

Uma característica interessante observada é que os transeuntes que trafegavam pela área central da praça direcionavam-se, geralmente, para as fronteiras da mesma, locais cujos sentidos apontam para áreas comerciais, residenciais, administrativas. Os sentidos dos deslocamentos apontam para o estabelecimento de outras relações sociais e funções espaciais. Por exemplo, os ambulantes trafegam ou localizam-se próximos ao calçamento comercial, sinalizando ações cujos motivos podem ser associados à expectativa de estabelecimento de relações comerciais. Tal ação me faz pensar na existência de conexões entre as diversas ações e atores presentes naquele espaço, e que seria um erro pensar a existência individual de cada grupo, como independente, e não influenciada pelas ações dos outros grupos (Diário de Campo, 30 de outubro de 2014).

Além de uma aproximação da ecologia humana característica de Robert Park (1948) e do conceito de Centralidade de McKenzie (1948), a compreensão de tais conexões, buscas de relações, estratégias de ocupação do espaço e reprodução de práticas e saberes nos remetem ao conceito de Etnografia de Rua (ECKERT e ROCHA, 2001), com o qual busquei desenvolver mais adiante, com a descrição e contextualização dos principais grupos observados. Para fechar essa primeira parte, creio ser necessário sintetizar as variáveis sociais e temporais como elementos fundamentais para a compreensão não só da centralidade sócio-histórica da Praça de Fátima, como também das relações entre posições espaciais e dinâmicas sociais.

Nesse sentido, a imagem 1 demonstra uma paisagem composta de signos que apontam temporalidades, constructos e dinâmicas sociais que também enfatizam a relação entre a Praça de Fátima e as áreas circunvizinhas: a placa no lado esquerdo valoriza o aspecto turístico do local marcado pela Igreja de Fátima; os prédios comerciais, no lado direito, sinalizam o caráter econômico e central da região; o casal com roupas de ginástica cruzam a lateral da praça, nos possibilitando pensar esse trecho

como uma das partes da ligação entre a casa deles e a academia. É possível, ainda, falar da fila de pessoas (lado direito) esperando o atendimento do “Viva Cidadão”, local onde são emitidos documentos como títulos de eleitor, identidade, carteira de trabalho, ficha antecedentes criminais e outros. E também do rapaz sentado que conversa e gesticula para outro próximo ao poste. A câmera de segurança localizada na parte superior do prédio azul (da igreja) sinaliza uma preocupação com segurança, fazendo a cobertura do quarteirão onde se localiza a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e onde ocorreu o assassinato do Padre Josimo, em 1986.

Imagem 1: Fronteiras Praça: Mobilidade, interações filas e transeuntes na Av. Dorgival Pinheiro de Sousa.



Fonte: Produzida pelo autor.

Desse modo, a Centralidade (MCKENZIE, 1948) nessa paisagem da fronteira da praça pode ser pensada como a capacidade de aglutinar pessoas e formar grupos motivados pela necessidade de solicitar algum tipo de documentação, pela busca de conhecer um ponto turístico da cidade e por conta da busca do setor de comércio e serviços, expressado inclusive com a presença dos prédios comerciais.

3. POR UMA ETNOGRAFIA DE RUA EM IMPERATRIZ

A entrada em campo sempre comporta uma rede de

interações tecidas pelo(a) antropólogo(a) no contato com determinado grupo. Inicialmente, o laborioso trabalho do(a) etnógrafo(a) de passar de uma situação periférica para o interior da vida coletiva deste grupo, e daí, progressivamente, avançando no coração dos dramas sociais vividos por seus membros. Obviamente não de todos, mas daqueles com os quais conseguiu se aproximar em seu trabalho de campo (ECKERT e ROCHA, 2013, p. 59).

Após algumas visitas exploratórias na praça pesquisada, busquei fazer meus primeiros contatos. Na manhã de 30 de outubro de 2014 tentei encontrar informantes e identificar alguma rede de interações que possibilitasse a compreensão das principais relações entre os atores e, conseqüentemente, suas formas de territorialização, seus saberes, suas práticas e outros aspectos constituintes do cotidiano e das interações face a face.

Por meio das visitas exploratórias foi possível fazer um mapeamento preliminar, com o qual identifiquei grupos de taxistas (no lado da Rua Simplício Moreira), donos das lanchonetes e mototaxistas (no lado da Av. Dorgival Pinheiro), donos das barracas de lanches (no lado da Av. Getúlio Vargas), transeuntes e católicos que trafegavam respectivamente pelo centro da praça e sempre no lado da Igreja de Fátima, e um local conhecido como a Banca do Chico, que se tratava de uma banca de revista bastante conhecida por conta de sua capacidade de agrupar políticos e moradores antigos do município.

A notabilidade desse local da praça é tamanha que ao folhear a Enciclopédia de Imperatriz (2003) encontrei a seguinte descrição a respeito do proprietário da banca, Francisco de Melo Filho:

Jornaleiro. Vende revistas desde os 11 anos. Começou em 1977, na porta do Cine Marabá, de onde migrou para a entrada do Cine Celimar. Em 1981 foi contratado pela distribuidora Maranhão Piauí LTDA (Dimapi) e tornou-se responsável pela banca de revistas e jornais localizada na Praça de Fátima. O Local ficou conhecido como a Banca do Chico, ponto de encontro obrigatório de políticos, jornalistas e desportistas (ENCICLOPÉDIA DE IMPERATRIZ, 2003, p. 306).

Empolgado por tal informação, fui ao encontro do referido proprietário. Contudo, não obtive reciprocidade para uma interação mais prolongada². Restou-me, assim, verificar que realmente se tratava de um

² Essa experiência inicial foi problematizada e narrada no artigo "Interações fotoetnográficas: o "Eu" e o "outro" na Praça de Fátima - ITZ." (PEREIRA, 2015b).

local de encontro, caracterizado por cadeiras de madeira feitas por frequentadores daquele espaço. Meses depois, ao ter contato com uma jovem advogada chamada Marília Nobre Miranda, fui informado de que os bancos de madeira foram fabricados por Alair Chaves Miranda, empresário do ramo de marcenaria e também frequentador da banca do Chico. Notei que os bancos, os produtos vendidos na banca do Chico e a forma como era feita a manutenção desse espaço – seja nessa situação prática de investimento no conforto dos ocupantes ou na própria reprodução e registro do lugar na Enciclopédia de Imperatriz³ – sinalizam bem o poder econômico e social desse grupo de atores localizados na área próxima ao Calçadão Comercial, aos pontos de taxis e no lado mais arborizado da praça.

Imagens 2 e 3: Banca do Chico e Taxistas.



Fonte: Produzidas pelo autor.

A imagem 2, tirada no final de uma tarde de sábado (no mês de

³Documento produzido pela Academia Imperatrizense de Letras (AIL).

janeiro de 2015) no cruzamento entre a rua Simplício Moreira e Av. Getulio Vargas, é possível observar no trecho sul da Praça de Fátima a banca do Chico (fechada, no lado esquerdo) os taxistas e sua fila de carros e uma pedinte sentada no meio fio, observando de longe. Aproximando-se mais do ponto de taxi, temos a imagem 3 (produzida no mês de julho de 2015) que demonstra os detalhes de um dia de semana com maior movimento. Nela é possível observar que no primeiro plano os taxistas estão sentados aguardando o aparecimento de clientes. Em um segundo plano da imagem, um taxista se comunica com um senhor, de camisa vermelha, que espera o material para a montagem de sua banca de venda de alimentos. Em um plano mais ao fundo uma mulher de camisa marrom e touca também espera sentada atrás da própria barraca. É possível perceber ainda: outras barracas verdes de venda de alimentos, a banca do Chico, um transeunte de camisa preta e pasta vermelha na mão e um conjunto de homens sentados no entorno de uma mesa, jogando dominó.

Assim como os usuários do espaço da Banca do Chico, os taxistas também se situam na área mais arborizada na praça (imagem 2). Tais localizações não podem se dissociadas da importância do fornecimento de sombra e do clima menos caloroso, em um contexto em que as temperaturas alcançam uma média de 36° quase em todos os meses do ano. A aproximação com os taxistas ocorreu praticamente em três etapas: a observação *voyeurística* desenvolvida com certa distância (imagem 2), depois de alguns meses de permanência no local pude me apresentar e obter fotografias mais próximas (imagem 3) e, por fim, com o diálogo com um informante do grupo. De modo geral, os taxistas quase sempre estão sentados ou em pé dialogando, ao lado do posto de taxi, ou assistindo televisão na parte interna do lugar. Quase sempre bem vestidos, com camisa de botões, calças, sapatos ou tênis, grande parte dos membros desse grupo parecem se destacar em relação a outros colegas que atuam em pontos de taxi localizados em outros locais da cidade. Com seus carros enfileirados, ocupam praticamente toda lateral da praça do lado da rua Simplício Moreira (imagem 2), não por acaso a via que faz limite com o centro comercial do calçadão.

O contato com o informante desse grupo foi facilitado por conta de minha utilização do serviço de taxi, do posto da Praça de Fátima. No próprio local peguei o celular e liguei para o taxista Wagner Gomes Mendes, que prontamente concedeu-me alguns minutos de sua atenção. Filho de pais piauiense e grajauense, ele nasceu na cidade de Tuntum-MA em 17 de março de 1957 e chegou na cidade de Imperatriz em 1968. O informante explica que trabalhou como pedreiro, depois como comerciante e que possui 14 anos como taxista na Praça de Fátima. Sobre os temas de estudo e trabalho é importante destacar que o pai do entrevistado era carpinteiro e sem investimentos escolares, já o taxista possuía o Ensino

Médio completo e, afirmava, com muita satisfação, que seus três filhos possuíam o Nível Superior completo.

As características descritas pelo taxista nos remetem aos estudos de Durham (2011) sobre as migrações para a cidade, especialmente pela valorização da escolaridade relacionada a uma melhoria de vida, bem como o próprio contexto de migração no qual o entrevistado está inserido. Esse contexto é explicado por Franklin (2008, p. 174) quando descreve o processo de crescente migração na cidade, destacando que entre 1970 e 1980 Imperatriz experimentou seu maior crescimento populacional, de 80.827 para 220.095 habitantes, acréscimo de 172% – recebendo 93.077 imigrantes, dos quais 60.025 (64,5%) eram maranhenses, 7.077 goianos, 4.460 piauienses, 3.959 cearenses, 3.843 mineiros, 2.984 paraenses, 1.138 pernambucanos e 1.116 Capixabas.

Relacionado a esse contexto, notei que um ponto comum nas falas dos informantes era a respeito da importância econômica e social da cidade de Imperatriz – MA sobre suas trajetórias, demonstrando uma espécie de fascínio urbano em relação às cidades menores do estado ou de pessoas de outras regiões dispostas a recomeçar a vida. Assim, quando perguntei sobre a relação da praça com sua própria história, o senhor Wagner respondeu:

Ah, ela entraria porque melhorou muito minha situação financeira. Foi onde eu melhorei bem mais. Acabei de formar meus filhos... Financeiramente melhorou porque eu consegui reformar a casa e comprar um carro a vista, então isso ai já é alguma coisa né (Entrevista com Wagner Gomes, 31 de outubro de 2014 [sic]).

A citação enfatiza a importância do trabalho obtido na Praça de Fátima, como aquele que possibilitou investimentos educacionais e na qualidade de vida da família do informante. Tem-se, assim, um contexto mais amplo de migrações, vinculados às possibilidades econômicas atreladas à construção da rodovia Belém-Brasília (BR-010) e, ao mesmo tempo, situações biograficamente determinadas que vão ao encontro do viés estrutural. Nesse sentido, o taxista deixa muito clara sua posição “físico-sócio-cultural”, quando narrou suas próprias experiências anteriores e enfatizou seu papel e *status* atual, demonstrando que a escolarização e conforto da família podem ser compreendidos como um projeto e/ou finalidade desse trabalhador da Praça de Fátima (SCHUTZ, 2012).

A partir dessas informações, mais vinculadas aos aspectos subjetivos do informante, desenvolvi um breve mapeamento de suas principais relações naquele lugar. Assim, quando perguntei sobre a opinião dele a respeito do ambiente da praça, obtive a seguinte resposta:

O espaço é bom, apesar do problema desse **peçoal de rua**. É um problema seríssimo que é um problema da lei. Não é do prefeito, não é da polícia. A lei tem que ser mudada para tirar esse peçoal da rua. Mas eles acabam acostumando e não mexendo com a gente. Se não mudar as leis não vai melhorar. E o que o município deveria fazer é o seguinte: tirar essas coisas da Praça, **esse peçoal que vive vendendo em cima da Praça a não ser um lanche que é uma coisa né**, mas vem um **camelô**, vem outro e pensa que não tá ai um monte de **camelôs** e um problema imenso de tirar. Limpar, deixar bem limpo, botar banco. O **peçoal da igreja** pega pouco taxi, mas são clientes – os padres são pessoas que vêm conversar com a gente, os **gerentes de loja** também. A gente tem que ter uma parceria né porque nós somos comerciantes, pequenos comerciantes, mas nós somos comerciantes. Quando fica ruim lá pra eles, pra nós também fica (Entrevista com Wagner Gomes, 31 de outubro de 2014 [sic]).

Essas palavras nos permitem pensar o espaço da praça segundo a organicidade das relações estabelecidas e também por meio das classificações que demonstram aproximação e distanciamento social. Essa aproximação com os padres, gerentes de loja e identificação com os comerciantes denota um tipo de enquadramento feito pelo ator em relação à nossa interação, estabelecida no momento do diálogo. Trata-se de uma estratégia de alinhamento das características comuns dos atores citados com o entrevistado, e, ao mesmo tempo, de uma delimitação realizada pelo aspecto antagônico e conflituoso, relacionado aos moradores de rua – classificados como “peçoal de rua”. Enfim, podem ser interpretadas em termos Simmelianos e Goffmanianos, pois sinalizam bem a função delimitadora do conflito e os processos de alinhamento e de construção de fachadas.

A aproximação entre taxistas e comerciantes das lojas ocorre tanto no âmbito identitário, enfatizado pelo senhor Wagner, quanto em relação aos aspectos espaciais, mesmo que denotem uma relação comercial entre os segmentos. Nesse sentido, o informante explicou que no final de ano e nas datas comemorativas há um aumento do comercio e, conseqüentemente, uma melhora no movimento do taxi.

Durante à noite, esse mesmo lado da praça adquire outra característica e tipo de ocupação, pois na medida em que a banca de revista e o ponto de taxi (segundo plano da imagem 5) deixam de ser locais de concentração, com o passar do dia, o espaço vizinho (primeiro plano dentro da praça) inicia um processo de ocupação, geralmente por volta das 16h15. Chegam os vendedores e montam as barracas com uma estrutura

semelhante a andaimes cobertos por lonas verdes (imagem 3). Elas ocupam a parte sul, mais arborizada da Praça (ao lado da Av. Getulio Vargas) e são inseridas na paisagem local – extraindo espaço e energia da rede pública (imagem 4). Isso sinaliza um conjunto de estratégias de utilização e de relações sociais que caracterizam um interessante caso a ser aprofundado posteriormente.

Imagens 4 e 5: Fronteiras e dinâmicas da praça: barracas de lanche se adaptam pela noite, homem coleta materiais oriundos do comercio noturno.



Fonte: Produzidas pelo autor.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz - MA. *Tessituras*, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113-139, jul./dez. 2016.

Ocorrem adaptações da estrutura elétrica para iluminar as barracas, são montados vários conjuntos de mesas e cadeiras e também um mini *playground* com atrações infantis. Como principais atores (imagem 4 e 6) observados, notei a presença de: 1) vendedores, cujos negócios de lanche caracterizam-se como familiares – compostos por senhoras, mulheres, filhos e parentes mais jovens; 2) homens, mulheres e casais acompanhados de crianças, trabalhadores do comércio, estudantes e outros transeuntes que se alimentam no local; 3) pedintes e vendedores transeuntes – que justificam o próprio trabalho como uma forma de fuga do desemprego, das drogas ou como meio para comprar medicações e remédios–, 4) vendedores ambulantes permanentes com produtos para o público infantil e 5) catadores de materiais recicláveis (imagem 5) que aparecem no dia seguinte para verificar o lixo acumulado dos comerciantes.

Tem-se um sistema no qual as pessoas se concentram para se alimentarem, atraindo outros tipos de atores que também buscam satisfazer as próprias necessidades, seja pela venda, pelo ato de pedir ou buscando materiais recicláveis no meio do lixo produzido pelas lanchonetes. Vale lembrar que a localização dessas lanchonetes também não pode ser dissociada da posição central da praça em relação ao comércio, às escolas e a outros serviços com capacidade de atrair e concentrar pessoas.

Imagem 6: Alguns atores sociais: pedinte, consumidor e mulher com criança.



Fonte: Produzida pelo autor.

Outro espaço de concentração da Praça de Fátima é no lado oposto à Banca do Chico e ao Posto de Taxi. Trata-se do lado próximo a Av. Dorgival Pinheiro (imagem 1), espaço onde estão localizadas duas edificações com quatro lanchonetes, casa lotérica, livraria, sorveteria, um *fastfood* (de grande rede), uma loja de eletrodomésticos e o já citado Viva Cidadão – locais com grande capacidade de concentração de pessoas. Desse lado da praça, observei as lanchonetes (imagens 1, 7, 9 e 13) que, diferentemente daquelas do lado oposto, possuem uma estrutura fixa composta por coberturas, banheiros, televisões e características de micro empresas – regulamentadas, com logomarca e fardamentos utilizados por alguns funcionários contratados. Na imagem 7 é possível observar a área descrita no cruzamento entre a rua Simplício Moreira e Av. Dorgival Pinheiro. No primeiro plano da imagem, os mototaxistas, munidos de coletes laranja sinalizados, se concentram abaixo de uma pequena árvore enquanto suas motos amarelas ficam para o lado da Av. Dorgival Pinheiro.

Imagem 7- Lanchonetes/ Igreja de Fátima e áreas arborizadas.



Fonte: Produzida pelo autor.

Nessa região com cinco lanchonetes, fiz contato com Israel Vieira de Paula, proprietário da Lanchonete do Pescoço. Nascido em Pedreiras, em 1966, o senhor Israel (também conhecido como Pescoço) chegou a Imperatriz em 1982 onde começou a trabalhar com venda de picolés, nas ruas da cidade. Ele lembra que seu irmão, que estava há mais tempo em Imperatriz, fez contato com o dono da panificadora “Para todos” para que obtivesse um trabalho que substituísse o de venda de picolés. Assim, por meio desse proprietário da panificadora, Israel Vieira de Paula foi trabalhar na Praça de Fátima em um *trailer* chamado “Rangão” e depois em outra

lancheonete na Beira Rio⁴. Sobre o caminho desses trabalhos até a implementação de seu próprio negócio ele explica:

Uns três meses depois eu saí de lá na beira rio, ali onde hoje é o Pivas Gelo. Aí logo depois o cara montou um trailer aqui e andava atrás de uma pessoa para tomar conta porque ele tinha montando, mas ele tinha o emprego dele e também porque ele não sabia mexer com lanche. Aí foi lá e perguntou se eu queria trabalhar com ele. Aí eu digo: rapaz eu só trabalho lá se você me arrendar um lanche. Aí ele disse: quantos anos você tem? aí nessa época, eu já tinha 17. Eu disse: tenho 17. E ele disse: eu só te arrumo se o teu pai assinar o contrato. Então eu disse: vamos lá falar com ele. Aí ele me arrendou. Eu vim pra cá e o pessoal tava me chamando de Pescoço, pescoço, pescoço aí eu botei pescoço lanche e aí ficou. Uns dois anos depois, eu comprei desse cara. Ele disse que ia vender e que se eu não comprasse ele ia vender pra outro. Aí ele fez um parcelamento e eu comprei dele. Aqui na Praça, vai fazer 32 que eu estou aqui no dia 26 de março do próximo ano (Entrevista com Israel Vieira, 9 de novembro de 2014 [sic]).

Por meio do relato do informante é possível perceber a importância das redes de relações sociais, principalmente as de parentesco como elemento importante para o processo de integração dele na sociedade urbana. Tal observação pode ser pensada em relação ao estudo clássico de Durham (1984) que, ao pesquisar de forma sistemática a migração no estado de São Paulo, percebeu que a integração do migrante não é um processo independente da vida social mais ampla. A partir desse raciocínio, essa autora explica que o migrante supera as limitações de sua posição inicial, que é fortemente marcada por um laço de dependência das relações pessoais relacionadas, quase sempre, à obtenção de emprego. Assim, Durham (1984) explica que essas relações primárias são baseadas em vínculos de parentesco, amizade ou compadrio, relações que sinalizam um universo comunitário utilizado como instrumento de adaptação à vida urbana, por isso quase sempre local de onde são obtidos os primeiros empregos.

Nessa lógica, os deslocamentos espaciais dos migrantes não podem ser pensados como apartados de um conjunto de relações sociais que lhes garantem permanência, inserção local e, ao mesmo tempo, estão diretamente relacionados ao trajeto de vida, ou seja, amarrados em um conjunto de experiências, em um estoque de conhecimento e projeto de vida. Esses aspectos estão presentes na fala do informante, quando explica

⁴ Bairro localizado ao lado do Rio Tocantins, próximo ao centro de Imperatriz -MA.

a relação de sua vida com a referida praça. Sobre esse ponto, o comerciante responde:

Essa Praça... se for analisar direitinho, ela é a minha vida. Por antes eu já tinha trabalhado em Roça, já tinha vendido verdura na rua e tal. Mas desde os 17 anos, há 31 anos, vai fazer 32 que eu vivo aqui nessa Praça. Então nessa Praça aqui tudo que eu tenho em termos de conhecimento, amizade e tudo, sustento da minha família e tal eu devo a essa Praça (Entrevista com Israel Vieira, 9 de novembro de 2014 [sic]).

Esse aspecto das relações sociais de amizades feitas na praça é um elemento importante para se compreender as relações face a face entre o comerciante e os outros atores com quem compartilha grande parte de seu cotidiano. Tentando compreender mais sobre esse aspecto, pergunto-lhe sobre a relação dele com os outros atores da praça e obtenho a seguinte resposta:

O padre Felinto ficou nessa Igreja quase vinte anos. Eu sempre me dei muito bem com ele, a gente era igual a irmão mesmo. Ai depois teve um outro padre que teve aí, até esqueci o nome dele agora. Agora tem o padre Valdeci que é amigo da gente, é uma pessoa prestativa. O comércio aqui, de um modo geral, é tudo gente boa. Tem os taxistas. O Chico ali da Banca é da mesma época minha.

Agora nessa época não tinha esse negócio de pessoal de rua não. Esse pessoal de rua veio do fim da década de 1990 pra cá. Realmente eles não fazem um trabalho como um flanelinha tem que fazer. O negócio é que eles ficam por aí e inventam aquela história de que tão vigiando o carro pra descolar um trocado e beber uma cachaça, fumar um baseado, uma pedra e o negócio deles é esse. Aqui na praça só tem um cara que trabalha direitinho. Ele fica aqui nesse lado da praça, hoje dia de domingo ele não vem, é o Zé Miúdo. Todo mundo que chega aqui já procura por ele, já estaciona o carro ali. Ele passa uma água no carro, ele bota um papelão. Já dão a chave do carro pra ele. Ele é um cara que trabalha direitinho e tem conhecimento do público. Ele deve ter uns dez ou doze anos aqui.

Oh, tem as concorrências do pessoal que vende na rua. Mas é aquela história, eu já tenho aquela clientela antiga que passa de pai para filho. E agora já tá vindo é os netos.

Teve pessoas com quinze ou dezesseis anos que lanchavam quando eu comecei aqui quando eu comecei, e hoje já vem com os netos (Entrevista com Israel Vieira, 9 de novembro de 2014 [sic]).

A aproximação com os membros da Igreja de Fátima e comerciantes locais mais antigos é uma informação destacada pelo informante. Assim como o taxista, entrevistado em outro momento, o senhor Israel apresentou certo distanciamento e compartilhou da classificação “pessoal de rua”. No entanto, diferenciou o chamado “Zé Miúdo” por meio de características vinculadas à capacidade de trabalho, transmissão de confiança e a história dele com a praça, de mais de uma década. Em relação aos vendedores não fixos, explicou que possui um importante trunfo, que seria a construção de uma clientela ao longo dos anos. Enfim, a questão de temporalidade e pertencimento ao espaço analisado é um dado constante na fala do comerciante.

Buscando ter mais informações sobre “o pessoal de rua”, pergunto sobre a questão de violência na Praça de Fátima e obtenho uma resposta semelhante, produzida por ele mesmo e publicada na reportagem “Trabalhadores e Usuários de Drogas disputam espaço nas Praças de Imperatriz”⁵. Após a leitura da reportagem foi possível problematizar essa percepção do informante sobre “Zé Miúdo” por conta das três características citadas anteriormente. Isso porque a palavra “trabalho” parece ser um elemento importante de classificação de conduta. Um exemplo disso é quando, cotidianamente, perguntava para taxistas ou pessoas do comércio a respeito da violência na cidade e obtinha uma resposta que sempre afirmava que só os “vagabundos e drogados” é que morriam, e “que se a pessoa viver e trabalhar direitinho não acontece nada”.

Nesse sentido, a característica de “trabalhador” como conduta correta está presente nas falas do informante, na reportagem e em outros diálogos que tive no dia a dia, sinalizando um elemento importante de classificação que nos possibilita compreender a diferença entre “Zé Miúdo” e o “pessoal de rua”, ou “trabalhadores e usuários de drogas”. Embora essas classificações por oposição possuam um aspecto positivo de direcionar a pesquisa, delineando os grupos, por outro lado exigiu a necessidade de problematizar e compreender melhor quem seriam o “pessoal de Rua”. Um exemplo claro dessas classificações que relacionam uso de drogas, violência e ausência de trabalho, podem ser percebidas nas declarações seguintes:

A violência que tem se dado aqui na Praça ultimamente é

⁵ Cf. <http://www.blogdakellyitz.com.br/2015/03/trabalhadores-e-usuarios-de-drogas.html>.

desses moradores de rua. Esses moradores de rua, além de fazerem **pequenos furtos**, eles **bebem**, eles **fumam droga** e eles **se desentendem entre eles mesmos**. As vezes eles **abordam as pessoas que tão passando, a pessoa ficam com medo e tudo**, e aí a pessoa se sai, agora quando ele se desentendem entre eles mesmo, aí o negócio pega. Nos últimos cinco anos já teve umas seis mortes aqui entre eles mesmos. Um já matou outro de faca bem aqui em frente, num dia às 11 horas da manhã. O outro enfiou um ferro nas costas do outro ali também. Outro deu uma facada no outro, bem aqui na banca de panelada aqui do lado. Outro tava dormindo no banco e o cara chegou e matou. Então já teve uns seis assassinatos aqui mas entre eles mesmos.

O pessoal acha que a Praça é violenta, não, a **Praça não é violenta**, são eles é que fazem a violência. São umas pessoas que não raciocina, que querem tomar todas e brigar por tudo. Quando ele mexe com a pessoa normal, a pessoa se sai e vai embora, mas quando eles se mexem entre eles mesmos, aí o bicho pega, aí eles se matam e arranca pedaço... é difícil (Entrevista com Israel Vieira, 9 de novembro de 2014 [sic]).

Já perdi muitos clientes nos últimos anos. Tanto eu como os outros cinco donos de lanchonetes, os vendedores ambulantes e os vendedores de comida e outros produtos do outro lado da praça. O pessoal que vive na praça vem até os clientes e exige dinheiro. Se a pessoa não entregar, ou oferecer quantia pequena, eles saem xingando. Teve gente que me disse que não voltaria no meu lanche e não voltou (Entrevista com Israel Vieira, 1 de março de 2015 [sic])⁶.

A violência e o consumo de drogas são pontos que, segundo o informante, prejudicam as atividades comerciais e provocam o sentimento de medo nas pessoas que utilizam a praça. Buscando mais informações a respeito desses pontos, verifiquei que muitos transeuntes são abordados pelos moradores de rua e que, em dezembro de 2012, um exemplo fatal dessas brigas entre moradores de rua resultou na morte de Wirapuan Reis de 37 anos de idade. Segundo o jornal Progresso⁷, o assassinato⁸ a facadas e pauladas ocorreu por volta das 13 horas e foi motivado por uma

⁶ Publicado em: <http://www.blogdakellyitz.com.br/2015/03/trabalhadores-e-usuarios-de-drogas.html> . Acesso em: 14 nov. 2015.

⁷ Cf. <http://www.oprogressonet.com/policia/morador-de-rua-e-assassinado-no-centro/12570.html> . Acesso em: 16 nov. 2015.

⁸ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=pR-OVSBppgM> . Acesso em: 20 nov. 2014.

discussão, por conta de um cigarro.

Enfim, as reportagens e os relatos enfatizam uma valorização do evento extraordinário de violência. Não quero dizer que não exista violência na Praça de Fátima, mas que, parafraseando Foote Whyte (2005) esse meio de comunicação geralmente concentra-se no evento espetacular na qual o acusado é destacado da sociedade e julgado segundo padrões diferenciados daqueles pertencentes ao seu grupo, por isso o autor conclui que “esta pode ser a maneira mais eficaz de processar o criminoso, porém não é um modo de entendê-lo” (WHYTE, 2005, p. 20). Embora a informação jornalística e os relatos nos forneçam algumas informações sobre os moradores de rua (classificação jornalística), também conhecidos como “o pessoal de rua” (classificação nativa), tornou-se necessário buscar informações que me possibilitasse pensar tal grupo “devolvido” para o contexto da praça, ou seja, observado em suas atividades rotineiras. Portanto, após algum tempo de observação, iniciei o contato com esse grupo no dia 10 de novembro de 2014, e por meio de algumas mediações importantes.

Para compreender esse processo é pertinente descrever os fatos ocorridos na tarde do referido dia, quando observei um senhor sentado atrás das lanchonetes. Ao me aproximar e fazer contato, o identifiquei como o senhor Flamarion (imagem 8), grajauense de oitenta e cinco anos que vive em Imperatriz por cerca de cinquenta anos, na Rua Manoel Bandeira (segunda paralela à rua Simplício Moreira, onde se localiza a praça). Ele explica que a cidade se desenvolveu e acabou atraindo pessoas de outras cidades. Conta também que sempre chega mais cedo na praça para aguardar a missa das 17 horas. No momento em que conversávamos passou um vendedor de pipocas, que ao perceber meu diálogo com o senhor Flamarion, afirmou que trabalhava na praça desde 1996, totalizando 18 anos de Praça de Fátima. Também houve a aproximação de um “flanelinha”, que segundo os senhores, vivia por aquela área e desde pequeno era conhecido por todos.

Antes de prosseguir com a narrativa, é importante destacar que os três atores observados desenvolviam diferentes formas de ocupação do espaço: um tinha sua permanência em função da atividade religiosa e os outros dois buscavam no local um ambiente de trabalho. Na imagem 8 é possível notar umas cadeiras brancas e uma mesa vermelha, amarradas na árvore. Tais artefatos também indicam outra forma de ocupação da praça adotada por três senhores que se encontram para jogar e vender pequenos produtos como chaveiros e lembranças.

Voltando para a narrativa desse primeiro contato, caracterizado pela interação entre os três atores, optei por prosseguir dialogando com o “flanelinha” (imagem 9) que se chamava Luis Ricardo, um imperatrizense de 37 anos, nascido no hospital conhecido como Socorrão. Ele trabalha

vigiando e lavando carros no canto da praça, num espaço próximo ao calçadão comercial (Av. Getúlio Vargas), no entanto, nos dias de domingo costuma vigiar e lavar carros no lado oposto (Av. Dorgival Pinheiro). Em um breve diálogo, ele me explica que já ganhou entre R\$ 50 e R\$ 25 por dia com esses serviços e que “sempre tem um dinheiro para comprar a merenda, Aqui a pessoa não passa fome não, se souber se virar” (Entrevista com Luis Ricardo, 10 de novembro de 2014).

Imagens 8 e 9: Formas de utilização da praça, por diferentes atores.



Fonte: Produzidas pelo autor.

Luiz Ricardo diz que já foi morador de rua, mas que atualmente possui uma casa habitada por esposa e filho que sempre o esperam voltar. Explicou que antes do emprego bebia muito e nessas ocasiões acabou conhecendo a esposa. Lembra que largou a bebida para entrar na “crença” e após isso foi morar junto com a companheira. Sobre seu dia a dia e relações na Praça de Fátima, ele explica:

Dia de domingo eu venho pra cá. Mas na segunda eu fico pra lá, perto da Big Bem do lado das motos. Fico de segunda até... Porque aqui, no dia de segunda-feira já tem outro que vigia. Aqui é só de domingo, e ele fica aqui de segunda até sábado.

Tem muitos flanelinhas?

Tem muitos, antigamente era eu e mais uns três. Aí esse três já se desviaram nos caminhos errados, aí mataram. Mataram muita gente aqui nessa praça. Começou o movimento de cara assim bebendo, fazendo as coisas que não pode. Uma vez eu tava sentado bem ali quando o cara desceu da moto perto do cara que tava deitado e atirou na cabeça dele (Entrevista com Luis Ricardo, 10 de novembro de 2014[sic]).

Aproximando-se das características do “Zé Miúdo”, Luiz Ricardo demonstrou aptidão para o trabalho, organização e divisão de trabalho com outro flanelinha e diferenciação com aqueles classificados, em seu relato, como “desviados”. Tal atributo, mais o fato de possuir uma casa e família, constituíram um conjunto de informações sociais que o diferenciavam dos “moradores de rua” ou “pessoal de rua”. A expressão dessa diferenciação foi feita pelo entrevistado, durante o tempo de nosso breve diálogo, quando demonstrou uma organização de trabalho com o outro “flanelinha” da área da Avenida Dorgival Pinheiro, quando faz uma distinção entre os que se desviaram do caminho e ele próprio. Tal contexto favoreceu o registro visual (imagem 9) do próprio entrevistado que entusiasticamente demonstrava essa característica de aptidão para o trabalho.

Por meio da proximidade com Luiz Ricardo tive contato com um grupo de quatro pessoas (Imagem 10), moradores de rua, possuidores das características próximas daquelas descritas pelo taxista, vendedor e transeuntes da Praça de Fátima e centro de Imperatriz-MA. Ao chegar no lugar da “cozinha” (imagem 11) dos moradores de rua, eles se aproximaram de mim e do “flanelinha”. Naquela ocasião, Luiz Ricardo olhou para mim e disse-me que eu não precisava me preocupar que eles não fariam nada comigo, provavelmente minha expressão deve ter dado algum sinal de medo ou receio.

Do diálogo com eles, uma característica marcante foi o fato de

adotarem o papel de vítima. O segundo morador (da direita para a esquerda na imagem 10) afirmava: “Nós bebe aqui a nossa cachaça. Aí chega os povos de moto aí e vê a gente bebendo. Eles derrama a nossa cachaça”. O casal no lado esquerdo da mesma imagem era composto por Tiago e sua parceira, eles eram respectivamente de Goiana e Imperatriz e estavam juntos há três anos. Ele explicou que se conheceram na rua, “na vida louca”, e foram para a igreja Aliança, uma igreja da congregação Evangélica na cidade. Quando pergunto sobre a forma como ele consegue tirar o sustento dele da praça, obtenho a seguinte resposta:

Sustento a gente não consegue não. É igual ao falei para o irmão ali. Pedi o carro dele para vigiar. Aí ele saiu e falou assim: tu é novo vagabundo, vá trabalhar, não tenho obrigação de lhe ajudar não. Eu disse pra ele: você tem um serviço pra me dá? Você tem uma chance para mim sair da rua? Aí ele fechou o vidro e só faltou passar por cima de mim. Então é assim, o povo entra ali (na igreja) ora, pede pede ajuda, aí quando sai quer passar por cima (Entrevista com Tiago, 10 de novembro de 2014[sic]).

As palavras dele indicavam uma crítica aos atores vinculados à igreja de Fátima, a partir da própria experiência dele com os ensinamentos religiosos, provavelmente obtidos na igreja Aliança. Visivelmente era possível perceber que eles encontravam-se embriagados ou sob efeito de alguma entorpecente. Tal impressão foi confirmada pelo seguinte diálogo:

Morador: Dá uma ajuda pra gente aí. O que faz melhorar é a cachaça, Crack não, eu gosto de fumar maconha.

EU: O crack tem química, até a maconha, mesmo né? só serve se for natural né ?

Morador 2: A prensada tem wisk, bircarbonato e meio mundo de bagulho.

Esposa de Tiago: Vocês podem sair de minha cozinha por favor?

Além de confirmar a utilização de drogas pelo grupo estigmatizado, é importante notar as práticas e estratégias desses no processo de ocupação e permanência na praça. Por meio de observação direta, notei que conseguem realizar cotidianamente um conjunto de ações como: preparar comida (imagem 11), fazer a higiene mínima e as necessidades fisiológicas no banheiro de algumas lanchonetes, em locais menos movimentados e próximos dali e dormir nas marquises das lojas, na frente da igreja ou nos canteiros da praça.

Imagens 10 e 11: Moradores de Rua e Luiz Ricardo mostrando os utensílios domésticos.



Fonte: Produzida pelo autor.

A observação de tais fatos ocorreu graças à incorporação daquele cotidiano de pesquisa como parte de meu próprio dia a dia em Imperatriz. Nesse sentido, as imagens 11 e 12 sinalizam esse tipo de fronteira na qual a vida do pesquisador fica bastante próxima da vida do nativo. A imagem 12, por exemplo, foi feita no momento de espera de um atendimento dentário, em um consultório localizado em paralelo à Praça – nela é possível notar Luiz Ricardo executando seu trabalho diário de buscar água para lavar os carros estacionados na rua Simplício Moreira. Já a imagem 13, que demonstra três lógicas de ocupação do espaço (consumidores, transeuntes e morador de rua) foi produzida no momento em que me dirigia para as lanchonetes. Em outra situação também foi possível verificar que alguns moradores de rua se utilizam dos banheiros das lanchonetes, como registrado em caderno de campo:

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA. *Tessituras*, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113–139, jul./dez. 2016.

No dia 9 de julho de 2015, ao chegar por volta das 7:30 na Praça de Fátima, observei dois moradores de rua na porta de um dos banheiros da lanchonete. O mesmo se encontrava aberto com outro homem se limpando lá dentro. Um dos que estava fora, portava uma pequena faca e eles pareciam desconfiados com a minha presença. Diante da situação achei mais apropriado mirar a câmera para o outro lado da Praça, deixando-os mais confortáveis naquele espaço (Diário de Campo, 9 de julho de 2015[sic]).

Imagens 12 e 13: Flanelinha carregando água e morador de rua dormindo no canto da Igreja.



Fonte: Produzida pelo autor.

O grupo de moradores de rua observados naquela manhã era distinto daquele com que fiz os primeiros contatos, o que me trouxe a tona um problema que era a rotatividade desses tipos de atores sociais naquele espaço público. Durante os meses de observação notei que o número de membros desse grupo foi diminuindo gradativamente, atualmente (abril de 2016) a composição social é totalmente distinta: uma das pedintes (sentada no meio fio na imagem 2 deixou de circular pela Praça de Fátima e atualmente está no sinal próximo a BR-010, no outro lado da cidade; e nunca mais tive contato com Tiago, sua esposa e o amigo deles. Dialogando com um dos taxistas tive a informação de que muitos foram levados para casas de recuperação de dependentes químicos. Outra explicação pode ser pensada por conta da reforma de um prédio que antes era abandonado ao lado da Praça. Com a reforma, alguns trabalhadores da construção civil expulsavam os moradores de rua, de forma rústica, nas primeiras horas do dia. Enfim, tal rotatividade gerou uma sensação de cautela constante na aproximação com esse grupo.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em uma perspectiva micro e meso analítica é possível pensar a Praça de Fátima enquanto um sistema ecológico de interações. Por meio dessa hipótese, percebi que a classificação e o processo identitário dos grupos pertencentes ao local estava diretamente vinculada à posição espacial e à relação existente entre eles. Nesse sentido, o espaço físico, embora importante para a compreensão do processo de centralidade e territorialização, não pode ser entendido unicamente como elemento de mediação de práticas sociais.

Tais processos foram identificados em relação ao próprio conjunto de práticas e saberes dos grupos, das interações – seja direta ou indiretamente nas relações de amizade, de aproximação ou distanciamento – e também em relação às variáveis espaciais envolvidas. Por esse caminho, elenquei um mapeamento e distribuição das categorias sócio-profissionais, tomando-a enquanto peças de um sistema ecológico caracterizado por um conjunto de dinâmicas sociais.

Por meio das narrativas, observações diretas e imagens, notei um conjunto de estratégias e sentidos, desenvolvidos e compartilhados pelos atores. Condutas que não podem ser dissociadas das trajetórias e necessidades individuais, nem dos aspectos mais estruturais ancorados na história local e nos processos migratórios. Assim, a compreensão do cotidiano dos grupos nos auxiliou no delineamento das práticas e saberes desenvolvidas nas classificações e ações dos atores no dia a dia. Contudo, também foi pensada em relação às interpretações com capacidade de

transcender a análise de situações particulares e subjetivas.

Mais que uma conclusão, esse exercício teórico–metodológico enfatiza a necessidade de inserção cotidiana em campo, problematização do familiar e dos resultados obtidos em termos de uma escrita etnográfica e observação. A partir disso é possível interpretar a Praça de Fátima enquanto uma construção do cotidiano dos diversos atores e das relações sócio–espaciais que se estabelecem ali.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

DURHAM, Eunice. Revisitando o “caminho da cidade” com Eunice Ribeiro Durham: entrevista concedida Lidiane Maciel. **Idéias**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 293–307, 2011.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 1–22, 2001.

_____. Etnografia da e na cidade, saberes e práticas In: _____. **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ENCICLOPÉDIA DE IMPERATRIZ –150 anos: 1852–2002. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOW Setha. **On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture**. Austin: University of Texas Press, 2003.

McKENZIE, Roderick D. A comunidade Humana abordada ecologicamente. In: PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de Ecologia Humana: Leituras de Sociologia e Antropologia Social**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948. p. 127–142.

NUNES, João Arriscado. Erving Goffman: a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana. **Revista crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 37, p.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113–139, jul./dez. 2016.

33–49, 1993.

PARK, Robert. Ecologia Humana. In: **Estudos de Ecologia Humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social**. In: PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de Ecologia Humana: leituras de Sociologia e Antropologia Social**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948. p. 21–37.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Muitos caminhos levam a Praça ou a Praça leva a muitos caminhos? Uma narrativa sóciohistórica a partir da Praça de Fátima Imperatriz, MA. **RBSE**, v. 14, p. 73–86, 2015a.

_____. Interações fotoetnográficas: o eu e o outro na Praça de Fátima – ITZ. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, p. 226–242, 2015b.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia das Relações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SIMMEL, George. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS, Evaristo (Org.). **Simmel: sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 122–124.

WHYTE, William Foote. Introdução: Cornerville e sua gente. In: **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

AUTOR

Jesus Marmanillo Pereira

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS–UFPB), Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (Campus Imperatriz) e Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI). E-mail: laepciufma@gmail.com .

Recebido em: 11/12/2016.

Aprovado em: 25/05/2017.

Publicado em: 28/06/2017.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA. **Tessituras**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 113–139, jul./dez. 2016.